REVISTA SAMAYONGA

Vol. 1 N. 1 (2022)

DIÁRIO DE PESQUISA CIENTÍFICA

CENTRO DE INVESTIGAÇÃO ACADÉMICA PÓS-GRADUADO

FORMAR, INVESTIGAR, EMPREENDER E INOVAR

SAMAYONGA

ÁREAS

CIÊNCIAS TÉCNICAS

CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

CIÊNCIAS MÉDICAS

MWANA PWO EDITORA

REVISTA SAMAYONGA

DIÁRIO DE PESQUISA CIENTÍFICA

FICHA TÉCNICA

Editor Chefe

Dr. JORGE RUFINO

(Universidade Agostinho Neto, Universidade Jean Piaget de Angola)

Conselho editorial

Presidente – Dr. C Francisca Manuela Martins Wille

(Universidade Jean Piaget de Angola)

Dr. C Vicente Eugenio León Hernández

(Universidade de Pinar del Rio)

Dr. C Albano Ferreira

(Universidade Katyavala Bwila)

Dr. C Filomena de Jesus Francisco Correia Filho Sacomboio

(Instituto Superior para as Tecnologias da Informação e Comunicação)

Dr. C Klaus– Dieter Gerhard Wille

Dr. C Ivan Machado

(Universidade de Santa Clara)

Revisão

Msc. Imaculada Esperança Lourenço Domingos

(Universidade Jean Piaget de Angola)

Equipe Técnica

Elias Clemente Gonga

Eng. Flávio Geremias Miguel Clemente

Eng. Henriques Gededias Cambelele Quimuanga

Designer

Vanilson Cristóvão

Revista técnico-científica Samayonga [recurso eletrônico]. Nº. 01 (Fev. 2022). - Luanda.

Periodo: Semestral

1. Ciências Técnicas. 2. Ciência da Educação. 3. Ciências Médicas

REVISTA SAMAYONGA

DIÁRIO DE PESQUISA CIENTÍFICA

SUMÁRIO

EDITORIAL 04

ARTIGOS 07

O ALBINISMO NA DIMENSÃO SÓCIO PSICOLÓGICA: AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS (NÚCLEO CENTRAL) SOBRE AS PESSOAS COM ALBINISMO JUNTO DE ESTUDANTES DO ENSINO SUPERIOR. 09

ARTIGOS

O ALBINISMO NA DIMENSÃO SÓCIO PSICOLÓGICA: AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS (NÚCLEO CENTRAL) SOBRE AS PESSOAS COM ALBINISMO JUNTO DE ESTUDANTES DO ENSINO SUPERIOR.

Aníbal Simões - Docente e investigador da Faculdade de ciências sociais da UAN e coordenador do curso de mestrado em Psicologia da Educação e Desenvolvimento da UNIPIAGET de Angola.

Importance of teaching critical thinking to students

RESUMO

O presente estudo teve como objectivo identificar as representações sociais sobre as pessoas com albinismo junto de uma amostra de estudantes do ensino superior. Teve como referencial teórico a abordagem estrutural das representações sociais de Jean Claude Abric. Participaram no estudo 168 estudantes distribuídos em função da idade (Média=24,7; DP=3,9) género (Masc=35,7,0%; Fem=64,3%). Para a recolha dos dados utilizou-se como procedimento a técnica da associação livre de palavras. Processaram-se dos dados através do software IRAMUTEq, através do qual se desenhou um quadro com quatro quadrantes onde se localizou o provável núcleo central e periférico da representação social. Os resultados, obtidos através a análise protótipica, indicam a relevância dos elementos centrais (quilombo, diferente, melanina, preconceito) e periféricos (sensível, pessoa, pele, desrespeito). Consequentemente, conclui-se que os estudantes do ensino superior inquiridos possuem uma visão abrangente e correcta sobre as pessoas com albinismo. No entanto, alguns deles possuem uma visão preconceituosa como se pode ver em termos como "feios", "amaldiçoados" e outros. Sugerimos o aprofundamento do estudo sobre a percepção dos estudantes, e não só, e sobre este distúrbio congénito.

Palavras–Chave: Representação social, núcleo central, periférico, albinismo.

Figura 1. O albinismo

ABSTRACT

The main aim of this study is to identify social representations of the albinism people in a sample f the college students. This study was based on Jean Claud Abric approach of structural theory of social representations. A total of 168 students were distributed according to age (mean=24,7;SD=3,9), gender (Masc = 35,7%; Fem= 64,3%). For the data collection was used the free association of words. The data were processed using the IRAMUTEq software through which it was designed four-quadrants table was designed where the probable central and peripheral nucleus of the social representations was located. The results, obtained through the prototype analysis, indicate the relevance of central elements (quilombo, different, melanin, prejudice) and peripheral (sensitive, person, skin, disrespect. Therefore, it is conclude that the college students interviewed have a comprehensive and correct view on the people with albinism. However, some of them have a biased view as we can see in terms as "ugly", cursed" and others. We suggest further study to know better the students perception about this congenital disorder.

Keywords: Social representation , nucleus central, peripheral, albinism.

INTRODUÇÃO

De entre os vários distúrbios congénitos que têm acometido os seres humanos, não há dúvida de que o albinismo é o que mais tem sido sujeito a várias interpretações, mitos e, inclusivamente, atitudes de rejeição. Atestam-no o facto de, em várias culturas, terem sido, ao longo da história, frequentes essas atitudes.

A alta frequência de albinismo tem sido, em certas sociedades, encarado como factor premonitório do seu declínio (Braga e Matos, 1880; Freeland, 2010). Na verdade, o albinismo não passa de um problema genético relacionado com a coloração da pele. Dito por outras palavras, o albinismo não é nada mais senão que uma mutação genética derivada de problemas ao nível da produção de melanina pelo organismo. Pode ser de diversos tipos (completa, total, e corante) e ocorre em todos os seres vivos, ou seja, nos animais e plantas, afectando nos seres humanos sobretudo o sistema visual (Ashley, 1992; Vander & Bright, 1983; Oetting & King, 1999).

Importa, no entanto, referir que este distúrbio, de carácter biológico e genético, tem tido, na sociedade, um impacto muito forte, sobretudo a nível cultural, social com sequelas profundas, em certos casos, na saúde física dos afectados (cegueira, cancro da pele, etc). Mitos de diversa ordem têm levado em certas regiões da África a assassinatos e mutilações. Relato violentos sobre os albinos, na Tanzânia (Salewi, 2011) dão-nos a conhecer os mitos baseados em crenças de prosperidade derivadas do uso de órgãos de albinos em certos rituais. Passa-se o mesmo em países como a África do Sul, Zimbabwe e Uganda (Salewi, 2011; Baker, 2010, Bradbury-Jones, Ogik, Betts, Taylor, & Lund, 2018) .

Menos dramática é a situação de Angola, embora seja marcada por atitudes negativas, sobretudo de discriminação ao emprego e tratamento em questões de saúde (Vapor, 1995).

Daí a razão deste estudo cujo objectivo é o de identificar as representações sociais de estudantes do ensino superior sobre os albinos. Note-se que as representações sociais, embora sejam uma forma de conhecimento, ou melhor, conhecimento "em primeira-mão" (Moscovici, & Hewstone, 1988) têm um carácter dinâmico e podem, inclusivamente, influenciar e explicar a conduta de uma pessoa ou grupo de pessoas (Jodelet, 1986).

Pode inferir-se dessa ideia o facto de que, afinal de contas, as atitudes das pessoas são também explicadas pelas representações sociais que eles possuam sobre um determinado fenómeno. Dito por outras palavras, as pessoas têm atitudes positivas ou negativas em relação a algo em função da imagem que possuem sobre esse objecto.

As atitudes são vistas na Psicologia Social, como uma conceituação que faz uma ponte entre a actuação e o pensamento do indivíduo. Baseadas em crenças com uma forte componente afectiva pró ou a desfavor de algo, predispõem o indivíduo para realizar uma acção (Rodrigues, 1978), podendo, no entanto, ser modificada já que, conforme se disse, se baseiam crenças e valores (Santos & César, 2010). Daí a justificação desse estudo. Ou seja, moveu-nos a intenção de conhecermos o núcleo central das representações sobre o albinismo para assim podermos reflectir nas possibilidades de mudar essas crenças, partindo das representações identificadas.

Estudos sobre o albinismo

Os estudos sobre o albinismo, embora não avultem, feitos quer dentro como fora do país têm-se direcionado para os aspectos sociais e políticas públicas. Uns abordam questões como a saúde e a qualidade de vida (Soares & Guimarães, 2014). Outros, abordam a inclusão de albinos no sistema educativo, focando-se nas maneiras como os professores devem lidar com os albinos nas salas de aulas e os cuidados a ter para o melhoramento das aprendizagens dos mesmos sobretudo devido ao problema de visão (Sal & Pires, 2018). Outros ainda, analisam as percepções de carácter social e antropológico do albinismo, sobretudo na percepção do albinismo como doença, fatalidade e maldição (Munhequete, 2016). É assim que autores há que se debruçam sobre a morte das pessoas albinas. Para o caso da Tanzânia, apenas para citar um estudo, esta situação atingiu níveis insustentáveis, já que a procura por partes do corpo de pessoas com albinismo tem incentivado práticas desumanas. Têm sido relatados casos onde se desmembram as vítimas, se traficam os órgãos dessas pessoas com a crença de que, usadas em rituais de feitiçaria, esses órgãos permitem um rápido enriquecimento (Salewi, 2011) .

Essas crenças assentam, de um lado, na ideia de que os albinos têm poderes sobrenaturais o que, ligado aos mitos e às tradições, descamba para um vasto leque de atitudes negativas (Bradbury-Jones, Ogik, Betts, Taylor, & Lund, 2018). Do outro lado, relacionam esses mitos com os conhecimentos que as comunidades possuem sobre o albinismo. Tendo-se constatado que as pessoas, mesmo com albinismo, têm muito pouco conhecimento sobre esta anomalia o que faz com que não tomem as devidas medidas para enfrentar a mazelas que advêm deste distúrbio congénito (Braathen & Ingstad, 2006). Logo, a informação em posse dos próprios albinos e da comunidade em geral, desempenha um papel importante para lidar com este problema.

Figura 2. Rapaz albino

Paralelamente a estes estudos mais genéricos existem outros mais direccionados para a Psicologia Social. Assim, temos, em primeiro lugar, os estudos sobre os estereótipos sobre o albinismo. Temos a referir o estudo de Kronberg (1922) realizado no Congo, onde descobriu que as pessoas com albinismo são percebidas positivamente e veneradas, presumindo-se possuírem poderes místicos, sendo, por isso, usados como aprendizes de feiticeiros, sobretudo pelos reis. Situação igual foi encontrada em alguns países da África e da América Central (Shatto & Keeler, 1971). Nestes, as mãe com albinismo eram banidas das suas tribos e as crianças sacrificadas por se achar serem resultado de um contacto sexual com espíritos. Ou seja, de um tipo muito particular de adultério (Kromberg, Zwane, & Jenkins, 1987). Esta situação é totalmente contrária a que se verifica no Sudão onde os albinos são respeitados pela sociedade (Kromberg,1992).

Ainda na Psicologia têm destacado estudos sobre o autoconceito e a ansiedade junto de pessoas albinas. Os estudos feitos por Fitts (1965), contrariamente ao que se pensava, não se encontraram baixos níveis de autoconceito e altos níveis de ansiedade em pessoas com albinismo comparadas com as sem albinismo. No entanto, quando se fez a comparação intra-grupal, ou seja, entre os próprios albinos, verificou-se que os meninos, comparativamente às meninas, apresentem níveis mais baixos de autoconceito (Gavron) Katz & Galatzer (1995) e também de ansiedade-traço, provavelmente devido ao enfrentamento porque eles passam. Num outro estudo, ainda sobre o autoconceito, Gold (2002) chegou praticamente às mesmas conclusões junto de uma amostra de afro-americanos.

Nesta vertente sócio-psicologica também se têm analisado as atitudes face o albinismo. Vander Kolk & Bright, (1983) chegaram, quanto a isso, a resultados interessantes. Em primeiro lugar, verificaram que as atitudes em relação à pessoas com albinismo são frequentemente semelhantes às atitudes em relação a outras deficiências visuais e físicas. Em segundo lugar, num estudo realizado com crianças do ensino primário, esses mesmos autores, identificaram não só atitudes negativas para com o albinismo, mas também falta de conhecimento sobre o papel que a aparência física desempenha na formação de atitudes. Isto levou os participantes a afirmarem que a pessoa albina é filha de um branco com um negro.

Figura 3. Albino em família

Noutro estudo, já em classes mais avançadas, verificou-se, de um lado, o aparecimento de atitudes positivas. Do outro, situações pouco abonatórias como as perturbações que o albinismo causa no sistema familiar, sobretudo em famílias africanas, que têm conduzido à negação da paternidade e dificuldades no apego das mães com essas crianças.

Lund (2001) e Westhoff (1993) também identificaram, em seus estudos, atitudes negativas face a pessoas com albinismo, manifestadas através da discriminação. Essa discriminação, de acordo com eles, é baseada em mitos e estereótipos que referimos mais acima. Um deles é o mito de que uma pessoa com albinismo é consequência de uma punição ou uma acção de espíritos malignos. Lund, (2001) e Westhoff , (1993) verificaram igualmente em seus estudos que as atitudes face às pessoas com albinismo (aceitação ou rejeição), variavam em função do conhecimento e informações que as pessoas possuem sobre o albinismo.

As representações sociais

As representações podem entender-se como um produto derivado da mente do indivíduo e da sua actividade prática. Dito de outra maneira, são algo simbólico e produto da interação entre o homem e o meio. Para Moscovici (2003), a representação social é o conjunto de ideias, conceitos, explicações, opiniões baseadas na vida quotidiana e na comunicação entre as pessoas. Apegando-se a esse ponto de vista, Moscovici (2003) contrapõe o conhecimento científico ao conhecimento do senso comum, encaixando neste o que ele designou por representação social. Assim, enquanto o conhecimento cientifico tem como base os conceitos e teorias, as representações sociais assentam em imagens e símbolos. Ou seja, constituem formas de conhecimento com critérios próprios e que se formam nas relações que as pessoas estabelecem umas com as outras no dia-a-dia (Moscovici 2003). Por sua vez, Jodelet, com uma visão um tanto ou quanto diferente da de Moscovici, defende que a representação social é uma forma de construção social com carácter prático, constituindo, na sua essência, uma forma de conhecimento. Criada pelos grupos sociais, os quais atribuem às mesmas um determinado significado, elas possuem um carácter dinâmico ao ponto de influenciar, ou mesmo explicar, o comportamentos das pessoas (Jodelet, 2005).

O núcleo central das representações

A determinação das representações sociais baseada no núcleo central foram propostas por Abric (1998), ao definir o conceito de representação social. Para ele:

"Uma representação social é um conjunto organizado e estruturado de informações, crenças, opiniões e de atitudes; ela constitui um sistema sóciocognitivo particular composto de dois subsistemas em interação: um sistema central (ou núcleo central) e um sistema periférico." (Abric, 2003, p. 2).

Segundo Abric (2000), o núcleo central (NC) apresenta-se como um subsistema, que pode determinar, organizar e tonar a representação de determinado objeto social estável. Esta possui com três funções básicas: a) uma função geradora , dando sentido e valor a outros elementos da representação; b) uma função organizadora, determina a e une entre si os elementos da representação, estabilizando-os. Neste sentido, o núcleo central é o elemento unificador; c) uma função estabilizadora, ou seja, aponta quais

são os elementos que mais resistem às mudanças. Através dessa função, é possível perceber diferenças essenciais entre representações sociais (Abric, 2000).

Se Abric (2000) destacou e mostrou o lugar e o papel do núcleo central nas representações sociais, coube a Flement (2001) especificar as funções dos elementos periféricos. Assim, os elementos periféricos respondem a três funções, a) a de concretização (gerando posições e condutas) b) de regulação, os elementos periféricos, permitem que a representação se adapte às novas informações ou às transformações do meio e podem ser integradas na periferia da representação e, por último, c) a função de defesa, fomentam a resistência à mudança das representações.

Assim, o sistema periférico complementa, nos aspectos essenciais, o sistema central. A par disso, protege o mesmo, atualiza-o, fazendo com que as pessoas, em função das experiências do dia-a-dia, armazenem e partilhem as crenças básicas.

Metodologia

O presente estudo é de natureza qualitativa e procurou identificar o núcleo central e o sistema periférico das representações sociais de pessoas com albinismo junto de estudantes do ensino superior através da Associação Livre de Palavras. A técnica de associação livre de palavras tem como base a evocação de respostas em função de um estímulo indutor.

Participantes

Aplicou-se a técnica de associação livre de palavras a estudantes diurnos e finalistas. Participaram neste estudo 168 estudantes finalistas, sendo a sua grande maioria do sexo feminino, ou seja, 64,3%. A média de idade é de 24,7 anos, com um desvio-padrão de 3,9 .

Instrumentos

Para colheita das informações recorreu-se a um questionário estruturado com perguntas semi-abertas e um teste de associação de palavras. O questionário, construído para obtenção das informações pessoais tinha dois blocos de informações. Foram solicitados: a) género; b) idade.

O teste de associação de palavras foi formulado conforme recomendações de Abric (2000).

Procedimentos

Aplicou-se, em simultâneo, o questionário para o levantamento das informações demográficas e o teste de associação livre de palavras. Neste, solicitou-se aos participantes que escrevessem quatro palavras que lhe viessem imediatamente à mente diante da expressão *"pessoa com albinismo"*. Em seguida, pediu-se aos mesmos que colocassem, por importância e ordem crescente, cada uma das palavras eleitas.

O local de investigação foi uma das faculdades de uma universidade pública Os dados foram organizados e processados através do software IRAMUTEQ, elaborado pelo *Laboratoire d´Études et de Recherches Appliquées en Sciences Sociales* (LERASS) da Universidade de Toulouse. Foi com esse processamento que chegamos ao núcleo central e sistema periférico da representação social de pessoas com albinismo. O software IRAMUTEQ permite identificar a estrutura representacional partindo dos critérios de frequência e ordem de evocação, construindo com ele o diagrama de quatro quadrantes, que representam as quatro dimensões da estrutura das representações sociais.

Resultados e discussão

A associação livre resultou numa lista com 115 palavras. Constatamos que as palavras *"Melanina" e "Quilombo"* apareceram com o maior número de evocações (21), enquanto 80 palavras foram evocadas três vezes. Apenas uma palavra foi evocada uma só vez.

Quadro 1- Lista de palavras com o número de evocações

Palavras	Freq	Percent.	Palavras	Freq.	Percent.
Melanina	21	12.5 %	Míope	3	1.79 %
Quilombo	21	12.5 %	Pele		
Diferente	18	10.71 %	Problema de pele		
Ser humano	18	10.71 %	Raça		
Discriminação	6	3.57 %	Segregação		
Doença	6	3.57 %	Sensível		
Força	6	3.57 %	Tom de pele		
Preconceito	6	3.57 %	Míope		
Albino	3	1.79 %	Pele	3	1.79 %
Amigo	3	1.79 %	Problema de pele	3	1.79 %
Anomalia	3	1.79 %	Raça	3	1.79 %
Branco	3	1.79 %	Segregação	3	1.79 %
Comum	3	1.79 %			
Cor	3	1.79 %			
Desconhecido	3	1.79 %			
Distúrbio	3	1.79 %			
Estranho	3	1.79 %			
Falta melanina	3	1.79 %			
Feio	3	1.79 %			
Humano	21	12.5 %			
Humildes	21	12.5 %			
Indefeso	18	10.71 %			
Indivíduo	18	10.71 %			

No Quadro 2, também através do IRAMUTEQ , estão distribuídos os dados das ocorrências em quatro quadrantes, permitindo visualizar o núcleo central, os elementos intermediários, de contraste e periféricos de uma representação. Assim, para interpretar o quadro, conforme Oliveira, Marques e Tosoli (2005), procedemos da seguinte forma: no quadrante superior esquerdo localizam-se as palavras que constituem, muito provavelmente, o núcleo central da representação, no quadrante superior direito a primeira periferia, no quadrante inferior esquerdo, os elementos de contraste e, por fim, no quadrante inferior direito, a segunda periferia da representação social.

Quadro 2- Possíveis elementos do Núcleo central da representação social de pessoas com albinismo

Frequências	Ordem Média <=2,5 Zona do Núcleo Central		Ordem Média>2,5 Primeira periferia	
>=5.83	51	Quilombo (2,5)	18	Sensível (3)
	39	Diferente (2,3)	9	Pessoa (3)
	39	Melanina (2,4)	6	Pele (3)
	30	Preconceito (2,2)	6	Desrespeito (3.5)
	30	Ser humano (1,7)	6	Sorteado (4)
	21	Normal (2,4)	6	Cuidados (4)
	18	Especial (2,2)	6	Amizade (3)
	18	Inteligente (2.2)		
>5.83	Elementos de contrastados		Segunda periferia	
	3	Bullying (1)	3	Castigo (4)
	3	Cafuso (2)	3	Branco (4)
	3	Amaldiçoado (2)	3	Cor estranha (4)
	3	Feio (2)	3	Raça negra (4)
	3	Indefeso (2)	3	Cachaça (4)
	3	Estigmatizado (1)	3	Pele diferente (4)
	3	Cor diferente (2)	3	Homem (3)
			3	Negócio (4)

Olhando para o Quadro 2, vemos, no primeiro quadrante, os prováveis elementos centrais: quilombo, diferente, melanina, preconceito integrantes do primeiro quadrante, distinguem-se das demais por concentrarem a maior frequência (25%). Como principais elementos periféricos dessa representação, distribuídos nos três demais quadrantes, temos as palavras “sensível” e “pessoa”, apenas para citar algumas. No quadrante inferior esquerdo registamos a presença de 9 palavras que constituem a zona de contraste, e no quadrante inferior direito, segunda periferia as 13 palavras.

No provável núcleo central, a palavra “quilombo” representa uma tentativa endógena de designar a pessoa com albinismo. Diferentemente da designação das línguas nacionais (Qihafa,em quimbundu, Ohansa, em umbundu, Ndundu em kikongo, optou-se em Angola pelo termo quilombo. Trata-se de um termo africano oriundo das nossas línguas nacionais (quilombo; cilombo, em umbundu) levado para o Brasil pelos escravos, passando a designar um local onde estes se refugiavam. Fazendo um paralelo com os

quilombolas do Brasil, (Almeida, 2002) pode dizer-se que o termo quilombo pretende referir o isolamento e a descriminação dessas comunidades.

Reitera-se que o núcleo central constitui o elemento norteador da representação por determinar o significado desta e, ao mesmo tempo, contribuir para sua organização interna.

As palavras "diferente" "melanina"relacionam-se directamente com o caráter normativo e funcional do núcleo central do objeto, ou seja, as pessoas com albinismo. Elas representam a visão consensual dos grupos sociais em relação ao objeto. Ou melhor, a ideia de que as pessoas com albinismo são diferentes em função da ausência ou defeito de uma enzima envolvida na produção de melanina, parecem ser comuns aos estudantes do ensino superior quando eles pensam nas pessoas com albinismo. Referem-se assim ao julgamento e as ações desses grupos socias em relação ao objecto, ressaltando que esse núcleo é composto pelos elementos permanentes ou mais estáveis da representação social desses estudantes.

Por fim, temos ainda neste quadrante a palavra "preconceito" que aparece como o termo mais ligado à representação dos estudantes do ensino superior sobre as pessoas com albinismo. Sendo o elemento mais rígido e norteador do núcleo central dessa representação, apresenta igualmente uma natureza de caráter normativo. Note-se que os preconceitos tanto podem ser uma avaliação positiva ou negativa de alguém baseada na imagem dos aspectos dos grupos a que essa pessoa pertence. (Bacila, 2016 Auestad (2015) . Dito por outras palavras, o preconceito contra as pessoas com albinismo surge, na base da experiência e da sobregeneralização, quando se transfere o conteúdo, o significado ou o sentimento favorável, ou não, sobre este grupo para um albino em particular.

Os elementos periféricos da representação social sobre as pessoas com albinismo podem ser vistos nos três outros quadrantes. Estes ajudam-nos a compreender outros sentidos, quiçá mais amplos, que os estudantes do ensino superior atribuem a este distúrbio congénito.

O sistema periférico, de acordo com Abric (2000), protege o núcleo central. Para além disso, actualiza-o e contextualiza-o sob o ponto de vista normativo. Assim, os elementos periféricos, para além de se diferenciarem em função das experiências do diaa-dia, relacionam a realidade social, concreta com o sistema central. Podemos, assim, ver qual é a sua importância, pois tratam-se o lado prático das representações sociais sobre as pessoas com albinismo.

No quadrante superior direito, aparecem-nos as palavras "sensível", "pessoa", "pele" "desrespeito", apenas para citar algumas. Elas apresentam-se como a concretização do núcleo central no âmbito das relações sociais. Mais importante ainda é o facto de, conforme Abric (2000), os termos que aparecem nesse quadrante prescrevem e regulam determinados comportamentos.

Os termos "bullying", "cafuso", "segregação", "amaldiçoado", podem ser vistos no quadrante inferior esquerdo, constituindo, portanto, a zona de contraste. De acordo com Abric (2005) neste quadrante aparecem termos que alteram as palavras do núcleo central, denotando variações sofridas pelas representações tendo em conta o tipo

de grupos sociais. Podemos observar alguns elementos contrastantes nos termos “segregação” e “amaldiçoado”.

Por último, no quadrante inferir direito aparecem-nos, apenas para citar algumas, as palavras, “castigo”, “branco”, “cor castanha, “raça negra”, “ritual”, e outras. Para Abric (2000), os elementos deste quadrante são os mais fáceis de serem modificados, embora revelem as agressões que sofrem os sujeitos em função dos elementos que se encontram no núcleo central. A titulo de exemplo, podemos referir o termo “quilombo”, constante no núcleo central e “castigo” que aparece neste quadrante.

Considerações finais

Foi identificado um núcleo central (normativo, funcional e resistente) de pessoas com albinismo . Assim, entende-se que os estudantes do ensino superior determinam seus julgamentos, posicionamentos e condutas em relação às pessoas com albinismo, baseando-se nos aspectos sociais normativos da sociedade onde vivem e dos grupos com que interagem. Isto é, uma sociedade injusta, desigual, pouco contribui para a conivência cidadã, sobretudo de grupos minoritários

Como foi dito, o núcleo central determina a organização das representações sociais, a significação ancorada no sistema de valores partilhados pelos membros do grupo.

Os resultados permitem admitir que mudando as atitudes (cognições, crenças e comportamento) na sociedade poderá trazer resultados positivos . No entanto, essas estratégias seriam insuficientes para combater os preconceitos sobre as pessoas com albinismo, já que os seus determinantes não se esgotam nas vivências individuais ebiológicas, mas estendem-se às relações estabelecidas entre as pessoas com os quais eles interagem. Ou seja, vão além das características individuais e grupais dos envolvidos familiares no contexto social. Assim, é importante que os programas de prevenção contra os preconceitos e discriminação das pessoas com albinismo ampliem a reflexão sobre outras variáveis que interferem nesse processo, sobretudo ao nível as famílias. Isto é, as famílias que têm filhos com albinismo estão expostas a um conjunto de mecanismos de submissão, humilhação e rejeição que começam, por vezes, nas próprias mães, terminado nos pais que, muitas das vezes e infelizmente, acabam por abandonar as famílias.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRIC, Jean-Claude (2000). A abordagem estrutural das representações sociais. In: MOREIRA, Antônia Silva Paredes (org.), OLIVEIRA, Denize Cristina (org). Estudos interdisciplinares de representação social. Goiânia: AB.

ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de (2002). Os quilombos e as novas étnicas. In: Quilombos- Identidade étnica e territorialidade. Org. Eliane Cantarino O'Dwyer. Rio de Janeiro: Editora F GV e ABA, 2002.

ASHLEY, Julia Rbertson (1992). The student with albinism in the regular classroom. U.S.A.: NOAH/NAPUI.

AUESTAD. Lene (2005). Respect, plurality, and prejudice: a psychoanalytical and philosophical enquiry into the dynamics of social exclusion and discrimination. Londres: Karnac.

BACILA, Carlos Roberto (2016).Criminologia e Estigmas: Um estudo sobre os Preconceitos. São Paulo: Gen Atlas.

BAKER, Charlotte. 2010. A constantly shifting identity: the problematic nature of the albino body. In D. Janes (ed.): Bodies of Thought. Newcastle: Cambridge Scholars Publishing. 71-83.

BRAATHEN, Stine & BENEDICTE Ingstad. 2006. Albinism in Malawi: Knowledge and Beliefs from an African setting. Disability & Society 21 (6): 599-611.

BRADBURY-JONES, Caroline; OGIK, Peter; BETTS John; TAYLOR Julie and LUND, Patricia (2018). Beliefs about people with albinism in Uganda: A qualitative study using the Common-Sense Model'. PLos ONE 13 (10):n.p.

BRAGA, Theophilo & Matos, Julio de (1880). O positivismo: revista de filosofia. 2º volume. Porto: Livraria Universal.

FITTS, William Howard. (1965). The Tennessee Self-Concept Scale; Manual Nashville,TN: Counselor Recordingand tests.

FLAMENT, Claude (2001). Estrutura e dinâmica das representações sociais. In D. Jodelet (Ed.), As representações sociais(pp. 173-186). Rio de Janeiro: UERJ.

FREELAND, Aland (2010). O leitor e a verdade oculta: ensaio sobre Os Maias. Portugal: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

GAVRON, Ilana, KATZ, Shlomo, & GALATZER, Avinoam (1995). Selfconcept and anxiety among children and adolescents with albinism in Israel as a function of syndrome characteristics, age and sex. International Journal of Adolescent Medicine and Health, 8,167–179.

GOLD, Moniqueka (2002). The effects of the physical features associated with albinism on the self-esteem of African American youths. Journal of Visual Impairment & Blindness, 96(3), 133-142.

JODELET, Denis.(1986). La representación social: fenómenos, concepto y teoría. En: Moscovici, S.(comp.). Psicología social II. Pensamiento y vida social. Psicología social y problemas sociales. Barcelona: Paidós.

JODELET, Denise (2005).Loucuras e representações sociais. Petrópolis: Editora Vozes.

KROMBERG, Jennifer. (2018). Introduction and Historical Background. In: Jennifer Kromberg and Prashiela Manga (eds.): Albinism in Africa. Historical, Geographic, Medical, Genetic, and Psychosocial Aspects. London: Elsevier. 125.

KROMBERG, Jennifer; ZWANE, Esther & JENKINS, Trefor (1987). The response of Black mothers to the birth of an albino infant. American Journal of Diseases of Children, 141, 911–916.

MOSCOVICI, S. & HEWSTONE, Martin (1988). De la ciência al sentido comum. In: Moscovici, S. (org.) Psicologia social II. Barcelona: Paidos.

MOSCOVICI,Serge (2003). Representações Sociais: investigação em psicologia social. Petrópolis, RJ: Vozes.

MUNHEQUETE, Angélica (2016). Reflexão sobre as Percepções Sócias Antropológicas do Albinismo em Moçambique. Embondeiro, 01:49-57.

OAKFORD, Samuel (2014). Na Tanzânia estão caçando albinos para vender a pele a US$ 75 Mil. Vice Media LLC. Consultado em 10 de Junho de 2019.

OETTING, William & KING, Richard (1999). Molecular basis of albinism: Mutations and polymorphisms of pigmentation genes associated with albinism. Human Mutations, 13, 99–115.

OLIVEIRA, Cristina Denize.; MARQUES Sérgio. Correia.; TOSOLI, António Marques. (2005).Analise das evocações livres: uma técnica de análise estrutural das representações sociais. In: MOREIRA, A. P. et al. (Org.). Perspectivas teóricometodológicas em representações sociais. João Pessoa: Ed. da UFPB, 2005.

RODRIGUES, Aronson. (1978). Psicologia Social (7.ª ed.). Rio de Janeiro: Editora Vozes.

SAL, celestino Larrara; PIRES Misseno Edna (2011).Educação inclusiva desenvolvimento educacional de alunos com baixa visão. Revista electrônica de educação da Faculdade Araguaia, 10: 1-13.

SALEWI, Henri (2011). The killing of persons with albinism in Tanzania: A sociallegal inquiry. LLM thesis, University of Ghana Legon.

SANTOS, Joel, & CÉSAR, Margarida. (2010). Atitudes e preocupações de professores e outros agentes educativos face à inclusão. Interacções, 14, 156-184.

SHATTO, Gloria & KEELER, Clyde. (1971). Rehabilitation in San Blas. Journal of Rehabilitation, 37 (2), 10–13.

SOARES, Rosanne Cristine Pires & GUIMARÃES, Celma Martins. (2014). Albinismo: aspectos sociais e necessidades de políticas públicas. Revista EVS-Revista de Ciências Ambientais e Saúde, 41, 125–137.

VANDER Kolk, C. J., & BRIGHT, Bobra (1983). Albinism: A survey of attitudes and behavior. Journal of Visual Impairment & Blindness, 77, 49–51.

VANDER KOLK, Charles J., & BRIGHT, Bobra. (1983). Albinism: A survey of attitudes and behavior. Journal of Visual Impairment & Blindness, 77(2), 49-51.

VAPOR, Manuel (2017).Angola: Cidadãos com albinismo pedem fim à estigmatização. Angop, 3 Junho.

WESTHOFF, Wayne. (1993). A psychosocial study of albinism in a predominately mulatto Caribbean community. Psychological Reports, 73(3, Pt 1), 1007-1010.

MWANA PWO EDITORA